
COTIDIANO DE TRABALHADORES/AS NEGROS/AS NO MUNDO DO TRABALHO EM CAMPINA GRANDE-PB¹ (1920-1940)

Francisca Pereira Araújo (UEPB)²
france.araujo@hotmail.com
Profª Dra. Patrícia Cristina Aragão Araújo (UEPB)³
cristina-aragao21@hotmail.com

Neste artigo pretendemos fazer uma (re) leitura do cotidiano dos/as trabalhadores/as negros/as no mundo do trabalho em Campina Grande-PB nos anos 1920-1940. Buscamos investigar de que modo o mundo do trabalho na cidade campinense recepcionou no seu cotidiano o trabalho de negros/as no pós-abolição, especialmente nas primeiras décadas do século XX.

Como eram as experiências trabalhistas e culturais desses/as negros/as por meio dos indícios que nos foram deixados, bem como as possíveis alternativas e estratégias que esses/as afro-brasileiros/as tiveram para desenvolver métodos de sobrevivência num período onde não havia mais escravidão.

Esta pesquisa nos despertou reflexões sobre as formas de sobrevivência dos/as afro-brasileiros/as, recuperando suas memórias e vivências através de suas narrativas. Nossa proposta foi pensar o cotidiano destes/as trabalhadores/as negros/as campinenses e assim, adensar as discussões no sentido de melhor compreender quem eram essas pessoas e quais os postos de trabalho que ocupavam na época.

Assim, fomos atraídos pelas experiências e pelas histórias dos/as trabalhadores/as negros/as campinenses através de relatos fornecidos por negros/as e não/negros/as que presenciaram o mundo do trabalho na cidade, no período proposto para estudo e cujos falares nos permitem preencher algumas lacunas que estão abertas na história dos/as afro-brasileiros/as campinenses, a partir da perspectiva das experiências de trabalho.

No tocante à história, a ampliação do debate historiográfico nas últimas décadas do século XX levou ao rompimento com a perspectiva tradicional do objeto de pesquisa

¹ A cidade de Campina Grande, no Estado da Paraíba, situa-se no Agreste da Borborema. O maior destaque da cidade é a de ser, por sua posição geográfica privilegiada, um importante entreposto comercial; inicialmente dos tropeiros, de venda de gado e produtos agrícolas, com destaque para a comercialização, em grande escala, interna e externa do algodão, até fins da década de 30. Atualmente se diferencia principalmente nos setores: educacional e tecnológico.

² Graduanda de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

³ Docente da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

histórica e, conseqüentemente, dos problemas e métodos a serem colocados – o que não quer dizer que haja consenso sobre as novas questões e posicionamentos e, igualmente, respostas para todas as indagações.

Como Burke (1992, p. 10) nos informa: “A nova história é a história escrita como uma reação deliberada contra o *paradigma* tradicional, aquele termo útil, embora impreciso”. E ainda segue dizendo que a nova história começou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana.

A memória pode ser encarada como uma representação do seu tempo e por apresentar um caráter social se constitui em um plano de disputa em que interagem aqueles a quem é dada a oportunidade de externar as suas lembranças e aqueles a quem esse direito é negado. Por essa causa, afirma-se que a memória está pautada numa instância de poder. Nesse sentido:

Talvez seja possível admitir que um número enorme de lembranças reapareça porque os outros nos fazem recordá-las; também se há de convir que, mesmo não estando esses outros materialmente presentes, se pode falar de memória coletiva quando evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, que vemos ainda agora no momento em que o recordamos, do ponto de vista desse grupo (HALBWACHS, 2006, p. 41).

A memória de idosos é significativa na ressignificação da história pela oralidade. Ela ressalta a importância de valorizar esse olhar para o passado, um olhar que observa que tudo o que se passou é parte importante na formação do presente. Assim, “O que foi não é uma coisa revista por nosso olhar, nem é uma idéia inspecionada por nosso espírito — é alargamento das fronteiras do presente, lembranças de promessas não cumpridas” (BOSI, 1994, p. 18).

Tendo em vista que a memória é artífice da História no que se refere à memória de idosos, podemos compreendê-la como significativa numa pesquisa histórica com narrativa oral, uma vez que a interpretação das pessoas idosas sobre um dado contexto e uma dada realidade contribui no entendimento de acontecimentos históricos que fazem parte da história de um lugar.

No nosso texto ela adquire uma importância fundamental, visto que nos ancoramos nas visões, interpretações e falas de idosos/as através de relatos de memória para visualizarmos as histórias de vidas de negros/as no mundo do trabalho.

Há interesses que perpassam os fatos lembrados ou esquecidos para um grupo social específico. Os *esquecimentos* ou *silêncios* da memória em detrimento da propagação de outras versões do acontecimento compõem um processo de manipulação que, muitas vezes, se processa de forma indireta.

Com muita propriedade, Pollak (1989) coloca que “[...] existem nas lembranças de uns e de outros, zonas de sombra, silêncios, *não-ditos*. As fronteiras desses silêncios e não-ditos com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento”.

O rememorar é, então, entendido como um ato político e intencional de formulação de uma imagem sobre o passado e sobre a experiência vivida seja ela entendida na individualidade ou mesmo na coletividade. Um ato que não prescinde da marca do seu narrador, do seu enunciador.

Sobre o trabalho com a história oral temática, Alberti (2006, p. 167) lembra que:

[...] o trabalho com a História oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação. A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. [...] E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudada por meio de entrevistas de História oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou a sociedade como um todo.

Nesse sentido, a história oral assume grande importância, pois o trabalho do historiador necessita de diversidade de fontes, documentos, e entrevista também é documento. Nessa interpretação, levamos em consideração que documento é um registro e não prova do acontecido.

Em se tratando de oralidade, Alberti (2006, p. 155) afirma que “A História oral permite o registro de testemunhos e o acesso à ‘história dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”. O relato diz respeito ao novo, ao inesperado, tem uma dimensão poética, cada palavra é diferente. A esse respeito Freitas (2006, p. 92) esclarece que:

Uma entrevista é uma troca de experiência entre duas pessoas. É uma relação que se estabelece entre pessoas com experiências, formação e interesses diferentes. São pessoas que, apesar de pertencerem a diversas faixas etárias e diferentes

condições socioeconômicas e culturais, estarão dialogando e interagindo sobre uma mesma questão.

A riqueza da História oral está relacionada ao fato de ela permitir o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais. Nesse sentido, o pesquisador tem acesso a múltiplas histórias sobre um mesmo tema. O cotidiano está inserido na dinâmica das transformações, portanto, este não é um espaço separado da vida, onde se age mecanicamente sem nenhum significado ou influência. Trata-se de um lugar, assim como o político ou econômico, cheio de significados sociais.

Para Heller (1985) “No cotidiano coloca-se em funcionamento todos os sentidos da vida humana, todas as capacidades intelectuais, habilidades manipulativas, sentimentos, paixões, idéias e interesses. A vida cotidiana é a vida do homem inteiro”.

Ademais, os egressos da escravidão e seus descendentes campinenses constituíram suas experiências de vida, luta e trabalho nessa localidade, buscando garantir condições dignas de sobrevivência.

Nosso intuito é mostrar como as experiências de homens e mulheres negros/as no cotidiano de diferentes lugares no mundo do trabalho foram se constituindo e como estes a partir daí foram narrando suas vivências, bem como a maneira como eles percebiam o mundo do trabalho e seu modo de viver na cidade no contexto histórico contemplado para estudo.

Segundo Pesavento (2004), a renovação dos campos temáticos de pesquisa, bem como dos objetos e fontes, é um dos aspectos que mais dão visibilidade à História Cultural nos últimos anos e um destes campos investigativos é o relativo às *idades*.

[...] a cidade representa o que se poderia chamar de um campo de pesquisa e discussão interdisciplinar [...] O que cabe destacar é a abordagem introduzida pela História Cultural: ela não é mais considerada só como um *locus*, seja da realização da produção ou da ação social, mas, sobretudo como um problema e um objeto de reflexão. Não se estudam somente processos econômicos e sociais que ocorrem na cidade, mas as representações que se constroem na e sobre a cidade. Indo mais além, pode-se dizer que a História Cultural passa a trabalhar com o imaginário urbano, o que implica resgatar discursos e imagens de representações da cidade que incidem sobre espaços, atores e práticas sociais (PESAVENTO, 2004, pp. 77-78)

As cidades modernas têm o poder indefinível de condensar experiências e memórias. Suas identidades são múltiplas e surpreendentes. Resultam da relação dinâmica,

ora complementar, ora contraditória, entre o antigo e o moderno. Uma análise, nessa perspectiva, nos permite ultrapassar aquela concepção da cidade, apenas como um lugar da produção e do mercado maior da sociedade capitalista e vê-la como o grande cenário da modernidade.

É inegável que as cidades se expandiram de uma forma avassaladora nos tempos modernos. Nelas, os homens redefiniram seus projetos históricos e desenharam suas utopias, assustaram-se com seus fracassos e traçaram trilhas para superá-los. A provisoriedade ditada pelas instalações da tecnologia pós-moderna dialoga com memórias seculares teimosamente vivas, fazendo da cidade um complexo e atraente espaço do fazer histórico.

As cidades são espaços onde afloram histórias e lembranças, pois se configuram enquanto locus de intensa sociabilidade. O espaço urbano tornou-se cada vez mais crescente e fragmentado, pleno de tensões e contradições decorrentes das transformações aceleradas decorrentes do processo de desenvolvimento do capitalismo.

Lançando um olhar sobre a cidade de Campina Grande da época, Souza (2002, p. 30) pontua que

O processo de urbanização de Campina Grande ocorreu mais intensamente a partir dos 20, 30 e 40 do século XX, quando a cidade passou por um surto de desenvolvimento econômico nunca antes visto, em virtude da grande produção, comercialização e exportação do algodão. Naquele período áureo de riqueza e poder, as elites campinenses empreenderam na cidade um conjunto de transformações físicas que, se por um lado deu feições urbanísticas modernas e desenvolvidas à urbe, por outro, expulsou das ruas centrais muitas categorias sociais que foram seguidamente alijadas das benesses trazidas pelo progresso.

Nesse palco de tensões, onde a cidade aparecia como sinônimo de progresso, como homens e mulheres afro-brasileiros vivenciaram suas experiências no mundo do trabalho em meio a esse cenário? Buscamos mais informações em relatos de idosos, cujos nomes completos são preservados, o nosso entrevistado, Sr. Severino (97 anos), nos relata:

Eu conheci muitos negros que trabalhavam na construção civil. Trabalhei na rede ferroviária, aqui e acolá tinha um negro, eles trabalhavam no pesado. O negro sempre foi discriminado, né? Tudo que era de serviço pesado era entregue ao negro. Aos brancos era dado o serviço mais leve. O branco ia pra escola, o negro não ia (Março, 2010).

Já D. Antônia (84 anos), negra, natural de Umbuzeiro, semi-analfabeta, chegou a Campina Grande ainda criança. Falando-nos sobre suas vivências, diz:

Desde os doze anos que eu trabalho, primeiro no roçado, depois com vinte anos fui trabalhar na fábrica como tecelã na Tecelagem Marques de Almeida, ainda hoje tem o prédio, parece que é uma loja de carro, é ali na Faculdade de Administração, antes o Correio era ali. É um prédio grande, bem velho que tem. Tava com trinta e três anos quando me casei, mas nunca deixei de trabalhar. Dava um agrado a uma sobrinha pra ela cuidar dos meninos e ia trabalhar. Fazia o almoço de madrugada e levava pra comer na fábrica. Depois fui trabalhar no cotonifício, que não existe mais, trabalhei nove anos, depois trabalhei lá em João Cristino perto do cemitério. Depois saí de lá e voltei pra Tecelagem Marques de Almeida e fiquei lá até me aposentar em 1983. Minha vida todinha foi trabalhar. Na fábrica trabalhava de seis da manhã até às seis da noite. Uma vez trabalhei até a quinta-feira e ganhei menino no sábado (julho, 2010).

Nesse contexto pós-abolição e de crescimento da cidade, buscava-se adequar homens e mulheres de certos segmentos sociais a uma nova situação do mercado de trabalho, inculcando-lhes valores, formas de comportamento, disciplina rígida do espaço e tempo do trabalho. As mulheres, particularmente, deveriam assumir um comportamento desejado enquanto trabalhadoras.

Quando indagamos a D. Antônia se ela tinha algum tipo de lazer, nos responde: “A minha vida foi assim, eu não tive vida. Mas era boa assim, todo mundo tinha respeito por mim. Não tive uma vida boa, livre, como os jovens têm hoje”.

Notamos uma certa passividade em aceitar a extensa jornada de trabalho, encarada com naturalidade, Gurjão (1999) nos mostra que “[...] vale relembrar a precariedade da indústria paraibana e a conseqüente insignificância do contingente operário”. E ainda que “[...] Oriundos da zona rural e condicionados aos ditames do coronelismo, às relações pessoais de dominação e dependência, muito freqüentes também nas fábricas, os operários paraibanos dificilmente teriam condições de perceber sua condição de expropriados”.

Podemos inferir pelos relatos, que o cotidiano de alguns afro-brasileiros campinenses foi caracterizado pelo trabalho duro e geralmente mal remunerado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. *Fontes Orais. Histórias dentro da História*. In: Fontes Históricas. Carla Bassanezi Pinsky (Org.). São Paulo: Contexto, 2010.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança dos Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

GURJÃO, Eliete de Queiroz. *A Paraíba Republicana: (1889-1945)* In: *Estrutura de Poder na Paraíba*. João Pessoa: Editora Universitária, 1999.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000:20.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. *Palavras também constroem cidades*. In: _____, *Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965)*. Tese de doutorado em História do Brasil, Recife (UFPE), 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n. 3, 1989.

FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.